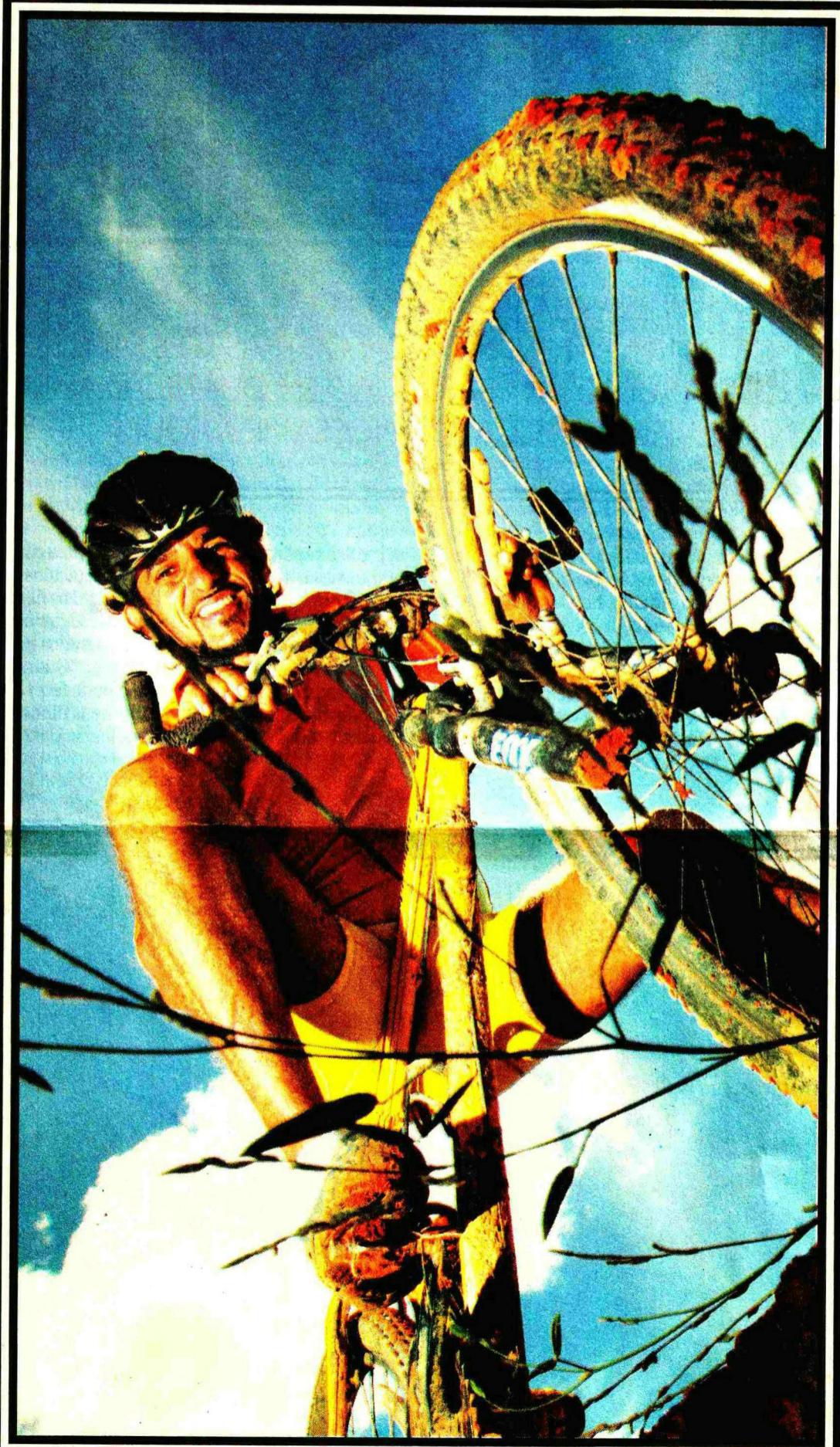


UM BRASILIENSE

ANTÔNIO DIUK FONTENELE MOURÃO APRENDEU COM
BRASÍLIA QUE O MUNDO É UMA GRANDE E CONTÍNUA NOVIDADE

Cristiano Mariz/Especial para o CB



1 MILHÃO
E 154 MIL
BRASILIENSES
MORAM NO DF

Fonte: A estimativa é da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/2006 do IBGE

PEDRO BRANDT

DA EQUIPE DO CORREIO

O segundo nome deste brasiliense de 41 anos, Diuk, foi emprestado do título de uma lenda russa. Todos o conhecem pelo nome russo. Antônio Diuk Fontenele Mourão nasceu em Taguatinga e foi criado na mistura de raízes nacionais e influências estrangeiras, fenômeno próprio de Brasília. O brasiliense, filho de pioneiros vindos do Ceará, se sente livre de uma única tradição cultural. "Por que perpetuar heranças e valores com os quais não me identifico? Brasília me mostrou que existem outras possibilidades, diferentes escolhas e pontos de vista para política, religião, cultura".

Militante de uma ong, a CO², que defende o uso de transportes sustentáveis, Diuk vai de bicicleta para o trabalho. Sai da Asa Sul e chega à sede da Caixa Econômica Federal, no Setor Bancário Sul, em cinco minutos, "menos tempo do que levaria se fosse de carro".

Apesar de se sentir livre de uma influência cultural específica, Diuk desliza com freqüência num "vixe", "oxente" e "menino", tipicamente cearenses, além do gosto pela alimentação nordestina. Em sua mesa, não faltam tapioca, cuscuz e farinha. A carne seca (outro item indispensável), ele abandonou quando se tornou vegetariano.

Foi na adolescência que Brasília passou a influenciar mais fortemente a personalidade do brasiliense com nome russo. Sua agenda cultura variava do projeto Cabeças, de Ari Pára-Raios, às mostras de cinema na Cultura Inglesa e na Embaixada da França e aos shows da Plebe Rude e do Aborto Elétrico, o embrião da Legião Urbana. Os espetáculos no teatro de arena do Parque da Cidade, as vernissages no Espaço Cultural da 508 Sul e as exposições de artes plásticas nas galerias da época. Tudo isso somado o levou ao curso de artes plásticas na Universidade de Brasília (UnB), nos anos 1980.

Comparando a Brasília de hoje com a de 20 anos atrás, ele sente falta da espontaneidade da época. "As manifestações eram mais livres, democráticas. Antes, qualquer lugar poderia ser um palco para alguém mostrar seu talento. Percebo que,

hoje, as artes estão mais nos lugares privados que nos públicos." Uma cidade, diz ele, só é percebida de fora a partir do momento que se manifesta culturalmente. "Para quem é de dentro, nos dá um sentimento de pertencer a algum lugar."

Ainda jovem, Diuk fez amizades com brasilienses que, como ele, eram filhos de pais nascidos em outros estados e até outros países. Seu desejo de conhecer outros lugares vem daí. Não é de se estranhar então que, já adulto, se tornou um cicloturista, e passou a viajar o mundo em cima de uma bicicleta. Além de pedalar por todo o Entorno, diversos estados brasileiros e até por alguns países sul-americanos e europeus (parte dos trajetos, claro, foram feitos de avião). "Há cinco anos aumentou o meu interesse por viajar de bicicleta. A primeira viagem foi pra Machu Picchu (Peru)", conta. Seu próximo desafio sobre duas rodas será uma viagem do Tibete ao Nepal, passando pela face norte do Everest.

O interesse por outros lugares faz com que Diuk pense em, algum dia, deixar Brasília. "Sempre morei aqui. Às vezes, tenho um sentimento de repetição, talvez de saturação da cidade. Por exemplo: hoje estudo inglês na mesma sala e na mesma escola que eu estudei aos 16 anos. Não é exatamente um sentimento ruim, mas sinto falta de buscar novos rumos, começar do zero". Aqui ou em outro lugar, ele diz que algumas marcas deixadas pela cidade são indeléveis. "Me cativa estar em qualquer parte da cidade ou no meio de uma trilha no mato e poder continuar vendo todo esse céu aberto, ter esse contato com a natureza".

"POR QUE PERPETUAR HERANÇAS E VALORES COM OS QUAIS NÃO ME IDENTIFICO? BRASÍLIA ME MOSTROU QUE EXISTEM OUTRAS POSSIBILIDADES, DIFERENTES ESCOLHAS E PONTOS DE VISTAS PARA POLÍTICA, RELIGIÃO, CULTURA"